

Ideologia Paralela: ideologia de gênero, conspiração e comentários no YouTube

Carla Montuori Fernandes

Universidade Paulista, Programa de pós-graduação em Comunicação, São Paulo, SP, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7625-8070>

Paolo Demuru

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Programa de pós-graduação em Letras, São Paulo, SP, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1559-9530>

Maria Estela Silva Andrade

Universidade Paulista, Programa de pós-graduação em Comunicação, São Paulo, SP, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5808-3601>

Resumo

O presente artigo busca realizar uma análise da recepção de temas, figuras e atores discursivos em uma audiência majoritária de extrema-direita nos comentários do vídeo *Geração sem Gênero* na plataforma de vídeos YouTube. A estrutura do trabalho abarca a contextualização da questão de gênero no cenário das guerras culturais correntes no Brasil, a construção metodológica, que compreende extração de dados por meio da ferramenta YouTube Data Tools e análise baseada na semiótica narrativa de Greimas, e ainda considerações que apontam para autovitimização e confusões por parte do espectador médio conservador entre os conceitos de gênero, sexo biológico e sexualidade.

Palavras-chave

gênero; semiótica greimasiana; Youtube; canal Brasil Paralelo; comentários

1 Introdução

Não é de hoje que a questão de gênero é uma pauta chave no contexto das guerras culturais ao redor do mundo (Hunter, 1991). No entanto, observa-se na última década presença marcante do tema na *agenda setting* da mídia brasileira e, até mesmo, em âmbito legislativo, com projetos de lei que pelo lado conservador visam limitar e, pelo lado

progressista, ampliar não apenas discussões acerca de identidade de gênero e diversidade sexual em escolas, como também direitos da comunidade LGBTQIAP+ (Menin; Pedro, 2022; Guerras Culturais, 2022). Dessa forma, a identidade de gênero – ou “ideologia de gênero” para alguns – se torna mais um item de disputa na polarização política brasileira atual; polarização essa que, segundo pesquisa de Ortellado, Ribeiro e Zeine (2022), aumentou na década de 2010 e se apresenta mais concentrada no âmbito moral do que em questões político-partidárias.

Com isso em vista, trazemos neste artigo uma análise semiótica acerca da recepção do vídeo documentário *Geração sem Gênero*, da produtora audiovisual brasileira Brasil Paralelo (2020), em uma audiência majoritariamente do espectro político da extrema direita. A base para esse estudo são quase 10 mil comentários deixados na página do vídeo na plataforma YouTube. Nosso objetivo é elencar e comparar os temas, as figuras e os atores discursivos presentes nas narrativas construídas no documentário e nos comentários e, a partir disso, descobrir possíveis semelhanças e diferenças entre o texto e sua recepção. Como metodologia, nos valem da semiótica narrativa de Greimas para a identificação, categorização e elaboração das análises.

Nossa opção por uma obra audiovisual para investigação do tema se deu em face dessa representar um objeto cultural, que, por sua vez, contém uma potência inerente a estímulos e articulações de narrativas do cotidiano, influenciando visões de mundo, opiniões, comportamentos e identidades (Kellner, 2001). Já a escolha do corpus levou em conta o destaque da produtora Brasil Paralelo no universo da produção cultural de grupos conservadores relacionados à extrema direita brasileira, além da popularidade do vídeo, que até a data da coleta dos dados contava com 1.150.631 visualizações e 9.653 comentários (apenas em sua publicação principal)¹. Esclarecemos que baseamos nossa delimitação a respeito do grupo estudado a partir da conceitualização elaborada por Mudde (2022), em que a extrema direita – ou direita antissistema – é caracterizada como a parte do espectro político da direita hostil à democracia liberal. Dentro desse escopo, o autor identifica ainda dois subgrupos: a direita radical e a direita ultraradical, tendo como diferença a tolerância da primeira a alguns fatores da essência democrática (Mudde, 2022); no entanto, tal diferenciação não se mostra relevante em nosso estudo.

Na primeira seção deste artigo, faremos um breve panorama a respeito da centralidade da questão de gênero no contexto das guerras culturais em desenvolvimento no

¹ Em 30/04/2022 foi feita uma reexibição especial do mesmo vídeo no canal da Brasil Paralelo no YouTube que até a última checagem em 15/12/2023 contava com 815.787 exibições e 3.176 comentários (As Grandes [...], 2022).

Brasil e o histórico da produtora Brasil Paralelo. Em seguida, discorreremos sobre a metodologia utilizada, com a descrição de como se deu a coleta dos dados a partir do uso da ferramenta YouTube Data Tools e também sobre a forma como optamos por mobilizar a semiótica greimasiana para análise dos dados. Por fim, a partir dos dados analisados, trataremos em nossas considerações o fato de haver nos comentários o mesmo entendimento para os termos identidade de gênero e ideologia de gênero, além da utilização do espaço majoritariamente para reafirmação de crenças e expressão de um sentimento de grupo, do que para discussão a respeito da pauta.

2 O Gênero e as guerras culturais

No final da década de 1980, o sociólogo estadunidense James Davidson Hunter cunhou o termo *guerras culturais* em meio a seus estudos para descobrir se havia algum tipo de interligação entre questões sociais, morais e políticas na sociedade americana (Hunter, 1991). Segundo ele, as categorias econômicas (direita e esquerda) e de classe não eram mais fortes para explicar as divergências sociais após a ampliação de direitos civis de algumas minorias (homossexuais, pessoas negras e mulheres) nas décadas anteriores, que levaram ao embate sobre questões mais profundas da vida em sociedade. Para Hunter e Zanon (2022, p. 31):

[...] na raiz desse conflito estão entendimentos conflitantes do bem e de como o bem é fundamentado e legitimado. Esses entendimentos se refletem em visões morais concorrentes da vida coletiva e no discurso que sustenta essas visões. Por sua vez, eles se manifestam em instituições concorrentes (suas elites e seus interesses) que geram essa produção cultural.

Nessa seara, a sexualidade (determinação biológica) e o gênero (construção social) ocupam importantes papéis por versarem tanto sobre questões sagradas e de reprodução da espécie para alguns grupos religiosos, quanto sobre o cumprimento de papéis sociais preestabelecidos em seu entendimento secular. Mesmo que as lutas do movimento feminista viessem de décadas anteriores, a amplificação das questões de gênero para além de seus grupos militantes se deu na década de 1990, em decorrência de conferências das Nações Unidas (Cairo, Pequim e Nova York) que versaram sobre mulheres e saúde reprodutiva (Guerras Culturais, 2022). A substituição do termo sexo por gênero na IV Conferência Mundial da Mulher (Organização das Nações Unidas, 1995) colocou o foco sobre as

desigualdades sociais entre homens e mulheres. No entanto, para grupos conservadores, o uso do segundo termo implicava o fim das diferenciações biológicas entre masculino e feminino:

As conservadoras entenderam o uso da palavra gênero como uma proposta de destruição dos sexos masculino e feminino. Já que o sexo biológico era confuso, ele deveria ser jogado fora e substituído por um conceito de gênero puramente social. Menino pode virar menina. Menina pode virar menino. Você pode gostar de homem, de mulher. É como se, para as conservadoras, as feministas quisessem embaralhar as identidades e as orientações sexuais com o objetivo de destruir a família (Guerras Culturais, 2022, 00:18:51).

A partir de então, segundo Miskolci e Campana (2017), teve início uma contraofensiva de grupos religiosos conservadores – em especial, ligados à Igreja Católica – contra o conceito de gênero, compreendido como uma ideologia comparável a totalitarismos. No entanto, os mesmos autores relatam que foi apenas em 2004, no Documento de Aparecida, redigido durante a V Conferência do Episcopado Latinoamericano e do Caribe (Celam)², que foi estabelecida oficialmente uma agenda contra a “ideologia de gênero” como forma de barrar o avanço em direitos sexuais e reprodutivos em curso na América Latina (Miskolci; Campana, 2017).

No campo da extrema direita, Mudde (2022) ressalta que há maior complexidade nos entendimentos a respeito de gênero e sexismo, com variações de acordo com as subculturas políticas, dependentes de diversos fatores que influenciam os entendimentos acerca do masculino e do feminino (educação, religião, ideologia entre outros), que podem diferir entre os países e até mesmo dentro de um mesmo território. Segundo o mesmo autor (2022), uma das ideologias com maior influência na questão é o *familismo*, biopolítica que vê na família tradicional as bases da sociedade e do Estado, e que delega exclusivamente às mulheres funções relacionadas à manutenção do lar e da vida, o que leva à prática de um *sexismo benevolente*:

As mulheres são vistas como moralmente puras e fisicamente frágeis. Isso significa que as mulheres *decentes* devem ser veneradas pelos homens, uma vez que são necessárias para tornar os homens completos por meio da unidade familiar heterossexual, coração da nação ou da raça. Mas isso também significa que as mulheres devem ser protegidas por *homens de verdade* [...] (Mudde, 2022, p. 163).

² CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Porto Alegre: Paulus, 2007.

No Brasil, grupos da extrema direita, religiosos e seculares, vêm lutando no Congresso Nacional e na sociedade para fazer valer seus interesses, o que inclui suas visões a respeito da pauta de gênero. Uma das formas de captura de público e divulgação de sua agenda é a mídia. Nesse setor, a produtora audiovisual Brasil Paralelo, fundada em 2016 na cidade de Porto Alegre por três jovens universitários, destaca-se pela quantidade e qualidade de seu material, sendo hoje referência no Brasil não apenas para vídeos, mas para conteúdo midiático e cursos em geral de caráter conservador e de direita. Beneficiada pelo cenário de polarização política – principalmente após a vitória do candidato Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018, que impulsionou discursos extremistas de direita nas redes e fora delas – a empresa obteve grande crescimento ao longo dos anos, tendo seu faturamento no ano 2022 ultrapassado os 150 milhões de reais (Amorim, 2023), e integrado no ano seguinte, em segundo lugar, o *Ranking Of Free-Market Think Tanks And Organizations Measured By Social Media Impact* da Revista Forbes (Chafuen, 2023), na categoria de empresas com foco em vídeos educacionais e de defesa de direitos. Salgado e Jorge (2021) afirmam que, ao mesmo tempo em que a Brasil Paralelo se vale de um “decalque cientificista, com sotaque publicitário”, exalta a “racionalidade neoliberal fusionada com princípios cristãos”, para atingir o objetivo de alimentar a guerra cultural e ser um dos expoentes dos valores da extrema-direita no Brasil.

3 Metodologia

Para fins do estudo aqui apresentado, optamos por uma metodologia que envolve a coleta do material por meio da ferramenta YouTube Data Tools e a análise de discurso a partir da semiótica de Greimas.

A princípio, nossa seleção do vídeo se deu com base nos seguintes parâmetros: (I) Disponibilização gratuita na plataforma YouTube, considerada a mais popular do país para compartilhamento de vídeos (Kantar Ibope Mídia, 2023); (II) Relevância e alcance da produtora Brasil Paralelo no cenário educacional e cultural do conservadorismo brasileiro; (III) Relevância do tema no contexto das guerras culturais no Brasil; (IV) Número expressivo de acessos ao vídeo, que até o momento da coleta em 25/11/2023, contava com pouco mais de 1.150.631 visualizações. Como nosso intuito era a obtenção de dados a partir dos comentários, optamos pela ferramenta YouTube Data Tools por sua confiabilidade e funcionalidade para extração e organização dos comentários na página do vídeo selecionado.

Elegemos a heurística da semiótica de Greimas para análise tanto do vídeo como do conteúdo escrito devido à sua clara divisão e articulação entre as estruturas formantes do discurso, dentre as quais os temas, as figuras e os atores discursivos nos pareceram úteis para nossa compreensão dos entendimentos de determinado grupo social sobre a questão de gênero.

Segundo Bertrand (2003), a figuratividade pode ser compreendida como sistemas de representações verbais, visuais, auditivos ou mistos relacionados a um significante do mundo percebido. Por outro lado, o mesmo autor entende a tematização como: “[...] uma sequência figurativa de significações mais abstratas que têm por função alicerçar seus elementos e uni-los, indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais” (Bertrand, 2003, p. 213). Já os atores discursivos são o lugar em que componentes sintáticos e semânticos convergem. Segundo Greimas e Courtés (2008), para que um lexema possa ser considerado um ator é necessário que esse porte ao menos um papel actancial e um papel temático, que passarão por transformações com as aquisições e perdas de valores.

Após a escolha do vídeo, como já mencionado, utilizamos a ferramenta YouTube Data Tools para coleta dos 9.653 comentários feitos entre 25/11/2020 e 11/11/2023, dos quais 5.166 foram marcados como relevantes pela própria plataforma. Devido ao número elevado, optamos por realizar uma triagem com base no número de curtidas em cada comentário, tendo em vista que essa é uma funcionalidade da plataforma que, segundo Cesarino (2022, p. 105), do ponto de vista do usuário, “[...] serve para indicar concordância, agradar amigos ou tecer redes. Porém, do ponto de vista da plataforma que o criou, esse botão é um input para clusterização dos usuários com outros [...]”. Apesar de a autora se referir à dinâmica do Facebook, aplicamos seu ponto de vista ao YouTube tendo em vista pesquisas que demonstram nessa plataforma a utilização de dados gerados pela funcionalidade “curtir” em processos de hiperpersonalização do conteúdo indicado ao usuário (Reis; Zanetti; Frizzera, 2020).

Dessa forma, ao tabelarmos todos os comentários e os organizarmos pelo número decrescente de curtidas, vimos que 4.033 deles possuíam ao menos uma curtida, enquanto 5.620 não possuíam nenhuma, assim, do primeiro grupo, selecionamos todos os comentários que possuíam ao menos 100 curtidas, o que totalizou um corpus final de 105 unidades de comentário, tendo o mais curtido 4.116 curtidas e o menos curtido 105 curtidas. Uma breve análise desse corpus a partir de dados fornecidos pelo próprio YouTube Data Tools

evidenciou que 65,71% de todas as curtidas em comentários e 52,3% de todos os comentários do vídeo se encontravam vinculados a essa rede.

4 Análise

Após a coleta e seleção dos comentários, demos início à etapa de análise com a investigação dos temas e figuras/ atores discursivos presentes no discurso do vídeo *Geração sem Gênero* (2020).

Baseado em entrevistas com Ana Campagnolo (deputada estadual de Santa Catarina, filiada ao PL, partido conservador de direita, declaradamente antifeminista), Felipe Nery (diretor do Instituto Sophia Perennis, voltado à educação conservadora católica) e Ana Paula Henkel (ex-atleta olímpica de voleibol, atualmente comentarista política e defensora assídua de Donald Trump e Jair Bolsonaro), o filme é dividido em 11 sequências curtas, algumas as quais o próprio nome sugestiona o conteúdo, cada qual a respeito de uma temática específica relacionada à questão de gênero. Os segmentos conversam entre si estética e discursivamente, sendo, de maneira ocasional, relacionados por uma narração em *over*. Os listamos a seguir em sua ordem: (1) Abertura: mulheres e crianças; (2) Você sabe como a ideologia de gênero entrou nas escolas?; (3) Mídia, redes sociais e *youtubers*; (4) A proposta do PSOL de que gênero não é sexo; (5) O caso dos gêmeos Brian e Bruce; (6) Como o feminismo abraçou a ideologia de gênero; (7) A controversa linguagem neutra; (8) Transsexuais nos esportes - igualdade ou vantagem?; (9.) As terríveis consequências da ideologia de gênero; (10) O experimento de gênero do menino Rhuan; (11) O avanço LGBT no Brasil. Quando assistidas em conjunto, essas sequências visam construir um panorama das questões de gênero contemporâneas no Brasil e no mundo.

O filme define a “ideologia de gênero” como a possibilidade de jovens escolherem seu sexo ao decorrer da educação. No conteúdo do documentário são feitas associações dessa “ideologia” com o movimento feminista e as elaborações desse sobre o papel social do gênero, além de relações com o fazer científico desprovido de ética (tendo como exemplo os experimentos do Dr. John Money na década de 1960) (BBC News, 2010), com crimes contra crianças (a partir do assassinato do menino Rhuan) (G1, 2020), com um suposto *lobby* dentro do Comitê Olímpico Internacional (COI) para admitir pessoas transsexuais em times esportivos de acordo com sua identidade de gênero, e com movimentos de esquerda que seriam contra a ordem social.

A análise semiótica mostra que o discurso é construído sobre um percurso narrativo dicotômico do *bem versus o mal*, de *nós* contra *elas*, em que o sujeito Brasil – o povo brasileiro representado pelo(a) espectador(a) que crê no discurso contrário à “ideologia de gênero” – se opõe ao antissujeito “ideologia de gênero” (e, por consequência, todos que o apoiam). Isso revela uma estrutura narrativa típica de teorias conspiratórias, em que há clara divisão do mundo em duas forças, uma benigna e a outra maligna, com a raiz de todo mal em um actante poderoso e externo à comunidade (Barkun, 2003). Nesse contexto, a empresa Brasil Paralelo, representada pelo documentário em questão, ocupa o papel de objeto modal do saber, instrumento que oferece ao sujeito o valor da sabedoria, que o removerá do lugar da ignorância e lhe permitirá enxergar a verdade que o sistema esconde, para que, assim, passe do lugar de controlado para o de controle de sua própria existência – o que é perceptível na presença de diversos comentários que exaltam o trabalho da empresa, como algumas amostras reproduzidas abaixo: “Brasil Paralelo é extremamente necessário para o nosso país. Obrigada pelo trabalho incrível de vocês” [sic]; “Chocaaaaaada com esse documentário. Parabéns pelo trabalho dr excelência que vcs tem feito” [sic]; “não canso de dizer que eu amo a Brasil Paralelo” [sic] (Comentários [...], 2020).

Os valores são apresentados ao(à) espectador(a) através de camuflagens, um tipo de manipulação discursiva que evidencia ou esconde o sujeito da enunciação a fim de gerar diferentes efeitos de sentido e adesão do enunciatário (Greimas, 2014). Percebemos a presença de camuflagens subjetivantes, que revelam a fonte da enunciação, com efeitos de subjetividade e aproximação (Greimas, 2014), nas falas dos entrevistados – supostos especialistas cujos depoimentos estão em um lugar de autoridade e geram segurança quanto à veracidade de seu conteúdo. Em momentos próximos, os conteúdos dessas falas são reforçados por camuflagens objetivantes, que não revelam a fonte da enunciação, gerando efeitos de sentido de isenção e distanciamento (Greimas, 2014). As camuflagens objetivantes estão contidas em exemplos descontextualizados, nas imagens e trechos de vídeos não exibidos em sua completude, na montagem que cria associações visuais, na trilha sonora tensa que perpassa todo o filme e na narração em tom sério e grave, com viés objetivo que se aproxima da suposta isenção do jornalismo.

A partir dessas percepções iniciais, identificamos no discurso fílmico a presença dos seguintes macrotemas³, figuras e atores discursivos (quadro 1):

³ Optamos pela união de alguns temas em macrotemas por suas ligações argumentativas e pela melhor organização dos dados.

Quadro 1 - Macrotemas, figuras e atores discursivos presentes no filme

Macrotemas	Figuras/Atores discursivos
Feminismo e conceito de gênero (favoráveis e contrários)	<u>Favoráveis:</u> Judith Butler Simone de Beauvoir Betty Friedan Julia Kristeva Feministas
	<u>Contrários:</u> Ana Campagnolo Mulheres ⁴
Doutrinação (doutrinadores, vítimas e resistência)	<u>Doutrinadores:</u> PSOL Jean Wyllys Transsexuais Liceu Franco-brasileiro Colégio Pedro II Câmara dos Deputados Supremo Tribunal Federal
	<u>Vítimas:</u> Mulheres
	<u>Resistência:</u> Jair Bolsonaro “O povo”
Destruição da família tradicional (algozes e vítimas)	<u>Algozes:</u> Transsexuais Pessoas fora do padrão heteronormativo Dr. John Money
	<u>Vítimas:</u> Família Reimer Bruce Reimer
Maldade e sofrimento (algozes e vítimas)	<u>Algozes:</u> Mães de Rhuan
	<u>Vítimas:</u> Rhuan Crianças Bruce Reimer Família Reimer
Sexualização infantil (algozes e vítimas)	<u>Algozes:</u> Dr. John Money
	<u>Vítimas:</u> Bruce Reimer Crianças

⁴ Em todas as tabelas, a figura da mulher se refere a mulheres contrárias ao feminismo ou indiferente a ele, enquanto mulheres que apoiam o feminismo estão especificamente representadas na figura da feminista.

Macrotemas	Figuras/Atores discursivos
Transsexualidade (favoráveis e não favoráveis)	<i>Favoráveis:</i> COI Tiffany Abreu Mulheres transsexuais
	<i>Não favoráveis:</i> Ana Paula Henkel Mulheres / meninas
Linguagem neutra (apoiadores)	Judith Butler Monique Wittig Liceu Franco-brasileiro Colégio Pedro II Transsexuais
Apoio à ideologia de gênero	PSOL Judith Butler Simone de Beauvoir Betty Friedan Feministas Transsexuais Supremo Tribunal Federal Pessoas fora do padrão heteronormativo Pessoas com aparência fora do padrão
Oposição à ideologia de gênero	Pessoas contrárias à ideologia de gênero Ana Campagnolo Felipe Nery Ana Paula Henkel

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao passarmos à análise semiótica dos 105 comentários selecionados, o primeiro fator que nos chama atenção é que, apesar da majoritária concordância de conteúdo entre o vídeo e os comentários, existe maior quantidade de macrotemas (nove no filme contra 14 nos comentários) e de figuras e atores discursivos (87 quando contados individualmente, sem a inserção de repetições, em oposição aos 32 identificados no filme). Podemos ler essa diferenciação numérica como uma primeira indicação de diversidade de entendimentos da questão e de suas possibilidades de enfrentamento dentro de um mesmo campo e de um mesmo nicho.

Numa tentativa de aprofundar nossa compreensão, elaboramos a tabela a seguir (tabela 1), na qual elencamos os macrotemas presentes nos comentários, seu número de recorrência e as figuras e atores discursivos associados a eles. Ressaltamos que há comentários nos quais constam a presença de mais de um macrotema, assim como uma mesma figura ou ator discursivo pode surgir associada a macrotemas diferentes. Ainda, por questão de sinonímia e espaço, optamos em unir figuras e atores discursivos com significados iguais ou semelhantes em uma só denominação – a exemplo das denominações “povinho”,

“pessoas repulsivas”, “ridículas” e “nojentas” que foram sintetizadas na figura do “desprezível” –, o que fez com o número dessa categoria baixasse de 87 para 69.

Tabela 1 - Macrotemas, figuras e atores discursivos presentes nos comentários selecionados

MACROTEMAS	Nº DE RECORRÊNCIA NOS COMENTÁRIOS	FIGURAS/ ATORES DISCURSIVOS
Sentimento de grupo, elogios à obra e funções fáticas ⁵	16	Brasil Paralelo Patriotas Convertidos Intelectuais Conservadores Íntegros
Apoio à ideologia de gênero (apoiadores e vítima)	19	<u>Apoiadores:</u> Maldosos Progressistas Desprezíveis Minorias Invejosos Fracassados Desocupados Inferno Diabo Canalhas Ignorantes Nazistas/ Ditadores Depravados Loucos Egocêntricos Pessoas problemáticas Indecisos Animais Alienados João Dória Edson Fachin <u>Vítimas:</u> Crianças
Oposição à ideologia de gênero	12	Bolsonaro Opositores à ideologia de gênero Conservadores Brasil Paralelo Persistentes Mães/ Pais Mulheres conservadoras Minorias Progressistas Escolas

⁵ Elogios ao conteúdo do filme, à produtora e exaltação do grupo de usuários que comentam na página em concordância com o conteúdo conservador.

MACROTEMAS	Nº DE RECORRÊNCIA NOS COMENTÁRIOS	FIGURAS/ ATORES DISCURSIVOS
Sexualização infantil (algozes e vítimas)	2	<i>Algozes:</i> Depravados Desprezíveis Criminosos
		<i>Vítimas:</i> Crianças
Figuras de autoridade e citações	8	Olavo de Carvalho Edmund Burke Enéas Carneiro Eric Voegelin Renato Russo
Feminismo (favoráveis, contrários e vítimas)	5	<i>Favoráveis:</i> Egocêntricos Loucos Pessoas problemáticas Maldosos Fracassados Mulheres transgênero
		<i>Vítimas:</i> Mulheres cisgênero Crianças
		<i>Contrários:</i> Mulheres cisgênero
Linguagem neutra (apoiadores)	7	Apoiadores da ideologia de gênero Universidades Animais Nazistas /Ditadores Loucos
Transsexualidade (favoráveis, não favoráveis e vítimas)	12	<i>Favoráveis:</i> Mulheres transgênero Animais Homens transgênero Tiffany Abreu Feministas
		<i>Não favoráveis:</i> Ana Paula Henkel
		<i>Vítimas:</i> Homens/ meninos cisgênero Mulheres/ meninas cisgênero
Doutrinação (doutrinadores, vítimas e resistência)	19	<i>Doutrinadores:</i> Professores Ignorantes Homossexuais Transgêneros Universidades Escolas Criminosos Loucos

MACROTEMAS	Nº DE RECORRÊNCIA NOS COMENTÁRIOS	FIGURAS/ ATORES DISCURSIVOS
		<p><u>Vítimas:</u> Jovens Povo Portugueses Crianças Estudantes universitários</p> <hr/> <p><u>Resistência:</u> Funcionário público Brasil Paralelo Mães/Pais</p>
Destruição (destruidores, vítimas e resistência)	11	<p><u>Destruidores:</u> Pecadores Influenciadores digitais Apoiadores da ideologia de gênero Animais</p> <hr/> <p><u>Vítimas:</u> Rhuan Seres humanos Jovens</p> <hr/> <p><u>Resistência:</u> Jesus</p>
Destruição da família tradicional (destruidores e vítimas)	4	<p><u>Destruidores:</u> Apoiadores da ideologia de gênero</p> <hr/> <p><u>Vítimas:</u> Brenda/Bruce Reimer Brian Reimer</p>
Cultura (cultura apropriada e cultura inapropriada)	2	<p><u>Cultura apropriada:</u> Países do Oriente Médio</p> <hr/> <p><u>Cultura inapropriada:</u> Países Ocidentais Emissoras televisivas</p>
Homossexualidade (apoiadores)	1	Homossexuais Papa Francisco
Experimentos do Dr. John Money (algozes e vítimas)	4	<p><u>Algozes:</u> Dr. John Money Maldosos</p> <hr/> <p><u>Vítimas:</u> Brian Reimer Bruce Reimer Crianças</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao continuarmos a comparação entre os conteúdos das duas mídias (documentário e comentários), percebemos que os macrotemas Apoio à ideologia de gênero, Destruição da família tradicional, Sexualização Infantil, Doutrinação, Transsexualidade, Linguagem neutra, Oposição à ideologia de gênero e Feminismo estão presentes no filme e são retomados no grupo de comentários selecionados. Por outro lado, os atores discursivos do menino Rhuan, de Bruce Reimer, do Dr. John Money, da jogadora de vôlei Tiffany Abreu e da comentarista Ana Paula Henkel, juntamente às figuras da Feminista, do Povo, da/do Transgênero (sem distinção entre homens e mulheres), da Criança, da Escola, do Opositor da ideologia de gênero, da Mulher cisgênero e da Mulher transgênero também são recuperados pelos(as) espectadores(as). No entanto, a repercussão não significa compreensão similar dos termos.

Apesar de no filme ser explicado verbalmente, ainda que de maneira superficial, o conceito correto de *identidade de gênero*, a narrativa imagética traz imagens de pessoas fora do padrão cisgênero compreendidas como disfóricas. Já a trilha sonora de permanente tensão, quando somadas aos exemplos trazidos pela narração e pelos entrevistados, conduzem a uma dubiedade que iguala os termos gênero e sexo biológico. Como consequência dessa abordagem e da forma com que o termo “ideologia de gênero” é tratado no contexto das guerras culturais, há nos comentários uma confusão generalizada entre o conceito de gênero com o de uma sexualidade que foge dos padrões heteronormativos e conservadores; sexualidade essa que não seria algo determinado biologicamente ou do caráter da escolha pessoal, mas uma imposição social e/ou estatal de grupos progressistas. Existem, ainda, sugestões de que a “ideologia de gênero” pode levar a crimes como pedofilia e zoofilia, sendo uma doutrina com finalidade de ceifar a humanidade das pessoas, animalizá-las e romper com a família nuclear heterossexual, como exemplificam os comentários transcritos:

Na minha humilde opinião o crime é sexualizar crianças... sou farmacêutica pós-graduada em química e entendo a necessidade de ensinamentos biológicos na escola, mas a MALÍCIA É NOJENTA!!!!!! [sic]; Identidade de gênero é a bestialização dos homens e mulheres já pensou ser gato, cachorro, notebook KKKK [sic]; O que eles querem é destruir os seres humanos, nos transformando em animais que se preocupa apenas em sexo e alimentação [sic] (Comentários [...], 2020).

O quadro a seguir (quadro 2) dispõe a diferenciação de figuras e atores discursivos associados a cada macrotema no discurso do documentário e nos discursos dos comentários, ajudando a explicitar as nuances de entendimento:

Quadro 2 - Macrotemas presentes no filme e nos comentários e suas figuras e atores discursivos relacionados

MACROTEMAS	FIGURAS E ATORES DISCURSIVOS ASSOCIADOS NO FILME	FIGURAS E ATORES DISCURSIVOS ASSOCIADOS NOS COMENTÁRIOS
Apoio à ideologia de gênero (apoiadores e vítimas)	<p><u>Apoiadores:</u> PSOL Judith Butler Simone de Beauvoir Betty Friedan Feministas Transsexuais Supremo Tribunal Federal Pessoas fora do padrão heteronormativo Pessoas com aparência fora do padrão</p>	<p><u>Apoiadores:</u> Maldosos Progressistas Desprezível Minorias Invejosos Fracassados Desocupadas Inferno Diabo Canalhas Ignorantes Nazistas/ Ditadores Depravados Loucos Egocêntricos Pessoas problemáticas Indecisos Animais Alienados João Dória Edson Fachin</p> <p><u>Vítima:</u> Crianças</p>
Destruição da família tradicional (destruidores e vítimas)	<p><u>Destruidores:</u> Transsexuais Pessoas fora do padrão heteronormativo Dr. John Money</p>	<p><u>Destruidores:</u> Apoiadores da ideologia de gênero</p>
	<p><u>Vítimas:</u> Família Reimer Bruce Reimer</p>	<p><u>Vítimas:</u> Brenda/Bruce Reimer Brian Reimer</p>
Doutrinação (doutrinadores, vítimas e resistência)	<p><u>Doutrinadores:</u> PSOL Jean Wyllys Transsexuais Liceu Franco-brasileiro Colégio Pedro II Câmara dos Deputados Supremo Tribunal Federal</p>	<p><u>Doutrinadores:</u> Funcionário público Professores Ignorantes Brasil Paralelo Homossexuais Transsexuais Universidades Escolas Criminosos Loucos</p>

MACROTEMAS	FIGURAS E ATORES DISCURSIVOS ASSOCIADOS NO FILME	FIGURAS E ATORES DISCURSIVOS ASSOCIADOS NOS COMENTÁRIOS
	<u>Vítimas:</u> Mulheres	<u>Vítimas:</u> Jovens Povo Portugueses Crianças Estudantes universitários
	<u>Resistência:</u> "O povo" Jair Bolsonaro	<u>Resistência:</u> Mãe/Pai
Sexualização infantil (algozes e vítimas)	<u>Algozes:</u> Dr. John Money	<u>Algozes:</u> Depravados Desprezíveis Criminosos
	<u>Vítimas:</u> Bruce Reimer Crianças	<u>Vítimas:</u> Crianças
Transsexualidade (favoráveis, não favoráveis e vítimas)	<u>Favoráveis:</u> COI Tiffany Abreu Mulheres transsexuais	<u>Favoráveis:</u> Mulheres transsexuais Animais Homens transsexuais Tiffany Abreu Feministas
	<u>Não Favoráveis:</u> Ana Paula Henkel	<u>Não Favoráveis:</u> Ana Paula Henkel
	<u>Vítimas:</u> Mulheres / meninas	<u>Vítimas:</u> Homens/ meninos cisgênero Mulheres/ meninas cisgênero
Linguagem neutra (favoráveis)	Judith Butler Monique Wittig Liceu Franco-brasileiro Colégio Pedro II Transsexuais	Apoiadores da ideologia de gênero Universidades Animais Nazistas /Ditadores Loucos
Oposição à ideologia de gênero	Pessoas contrárias à ideologia de gênero Ana Campagnolo Felipe Nery Ana Paula Henkel	Bolsonaro Opositores à ideologia de gênero Conservadores Brasil Paralelo Persistentes Mãe/ Pai Mulheres conservadoras Minorias Progressistas Escolas

MACROTEMAS	FIGURAS E ATORES DISCURSIVOS ASSOCIADOS NO FILME	FIGURAS E ATORES DISCURSIVOS ASSOCIADOS NOS COMENTÁRIOS
Feminismo (favoráveis, não favoráveis e vítimas)	<p><i>Favoráveis:</i> Judith Butler Simone de Beauvoir Betty Friedan Julia Kristeva Feministas</p>	<p><i>Favoráveis:</i> Egocêntricos Loucos Pessoas problemáticas Maldosos Fracassados Mulheres transsexuais</p>
	<p><i>Não favoráveis:</i> Ana Campagnolo</p>	<p><i>Não favoráveis:</i> Mulheres cisgênero</p>
	<p><i>Vítimas:</i> Mulheres</p>	<p><i>Vítimas:</i> Crianças Mulheres cisgênero</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Outros exemplos que transparecem variações de entendimento entre emissor e audiência são a família Reimer e a deslegitimação do caráter científico dos estudos de gênero. Apresentado no filme como símbolo da destruição da família tradicional causada pela ideologia de gênero, principalmente no que se refere ao sofrimento de seus integrantes, o caso da família Reimer, no filme, traz a simbologia da destruição familiar pelos males da ideologia de gênero. Esse entendimento se mantém nos comentários, porém, com a diferenciação de que os experimentos do Dr. John Money não são tratados apenas como um veículo da destruição do familismo, mas tornam-se um tema independente, diretamente associado à suposta falta de ética e moralidade das pessoas tidas como apoiadoras da ideologia de gênero.

A presença nos comentários de frases de efeito com autoria creditada a figuras de autoridade – predominantemente masculinas – que tiveram seus trabalhos e pensamentos desenvolvidos em séculos anteriores (com exceção do “filósofo” e guru bolsonarista Olavo de Carvalho, que também teve parte de sua produção neste século) e que nem mesmo são referenciadas no filme ou têm relação com a pauta abordada, é controversa, mas não tão surpreendente se levarmos em conta a característica predominante na extrema direita de culto a um passado, muitas vezes idealizado, com assimetrias político-sociais que privilegiavam homens brancos. O único nome destoante entre os cinco citados é o do músico Renato Russo, líder já falecido da banda de rock brasileiro dos anos 1980 Legião Urbana, o qual, mesmo com personalidade progressista, tem algumas de suas canções, que apresentam críticas sociais, subvertidas pelo grupo aqui estudado. Acreditamos que o ato da citação pode

estar ligado a uma característica que se encaixa na tendência de grupos conspiracionistas de crença do indivíduo e de seus pares como moralmente superiores (Gimenez, 2022).

Outra informação possível de ser extraída a partir do quadro 1 e da tabela 2 está nos macrotemas que mais repercutiram nos comentários. Quando olhamos para todos os macrotemas, os cinco de maior recorrência são: Apoio à ideologia de gênero (19), Doutrinação (19), Sentimento de grupo, elogios à obra e funções fáticas (16), Oposição à ideologia de gênero (12) e Transsexualidade (12). No entanto, se dessa listagem restringirmos aos macrotemas com presença tanto no filme quanto nos comentários, o macrotema referente ao sentimento de grupo, presente na terceira posição, é retirado da listagem, com a adição da Linguagem neutra em quinto lugar com sete recorrências – uma movimentação a qual nos ajuda a interpretar a caixa de comentários como um espaço de importância para esse coletivo, com maior função de apoio e reafirmação de crenças do que de debate e construção de opiniões.

Ao fazermos comparação semelhante entre tabelas no campo das figuras e dos atores discursivos, as maiores repercussões estão na Produtora Brasil Paralelo (14), nas Mulheres/meninas cisgênero (9) e nas figuras do Maldoso, do Progressista, da Criança, do Louco e no ator discursivo Bruce Reimer, todos com seis recorrências cada. A análise da descrição de alguns desses atores e figuras nos comentários revela a Brasil Paralelo como um ator eufórico, agregador, sinônimo de integridade e inteligência, o que, como consequência, se reflete no peso e importância do objeto modal do saber cedido por ele (o documentário) e lhe garante um papel de liderança no grupo.

Já as figuras da mulher e da menina são exploradas como vítimas em potencial, no entanto, há clara diferenciação das mulheres em geral, em posição de vulnerabilidade perante as ideias do feminismo, e as feministas, figuras disfóricas causadoras do mal e mais uma ameaça à família nuclear heterossexual. Aqui, ressaltamos que mulheres transsexuais não estão inclusas nesse círculo, pelo contrário, ainda que a transsexualidade esteja presente nos comentários em todas as suas formas – mesmo que de maneira disfórica –, com predominância do foco em mulheres transsexuais, essas têm sua existência negada em favor de seu sexo biológico, principalmente na questão esportiva, com argumentos que as veem de forma oportunista, com uso de suas identidades para acessar “vantagens” sociais destinadas a mulheres cisgênero, como a menor idade mínima para a aposentadoria.

Outras figuras citadas com recorrência são as crianças e os jovens, com peso maior para as primeiras, sempre vistas como receptáculos intocados a serem violados pela ideologia

de gênero e aqueles que a defendem. Relacionadas a essas crianças e jovens, as figuras da mãe e do pai surgem com função protetora e/ou de guia contra a maldade e a doutrinação presentes no contexto, enquanto os(as) professores(as) são figuras disfóricas, agentes de doutrinação a serem combatidos, se encaixando na categoria dos algozes violadores. Uma das respostas oferecidas nos comentários contra esse “perigo” é a adoção do *homeschool*. Algumas poucas vozes se mostram como exceção ao se manifestarem com seus testemunhos que buscam apresentar uma eventual fuga do padrão (se mostram como professores conservadores), porém, ao mesmo tempo, reforçam o estereótipo do professor doutrinador ao aplicá-lo à maioria dos(as) profissionais. Trazemos um exemplo:

Aluna de Pedagogia, já estudamos identidade de gênero na faculdade e ja usamos novos termos como todos todas e todes, já estamos sendo treinados para ensinar as suas crianças; Isso doe, doeu ter que responder mentiras nas minhas provas para conseguir nota, doeu ter que fazer o que eu não acredito pq sou obrigada a aceitar isso; Eu me recuso a educar meus alunos desta forma! Paro de trabalhar mas não concordo [*sic*] (Comentários [...], 2020).

No entanto, nem todas as instituições de ensino possuem o mesmo peso nessa “luta”, enquanto há aceitação de que as universidades são manipuladoras, as escolas de ensino básico e médio ainda são locais de disputa para a proteção dos mais jovens: “Se algum dia meus filhos chegarem em casa falando que a professora falou sob ideologia de gênero o tempo vai fechar;.. vou na escola e Deus me segure!!! Revoltada com esse mundo perdido!” [*sic*] (Comentários [...], 2020).

Ainda que eventuais, não podemos deixar de lado a presença de sujeitos que atuam no papel de “eu fiador da verdade”, como a figura do *convertido*, cuja função está em atestar a validade dos pontos de vista conservadores ali explicitados e personificar a decisão tida como correta de se opor à ideologia de gênero. Temos o exemplo de uma mulher transsexual que, apesar de sua condição social, é conservadora, mulheres que são contra o feminismo e, até mesmo, uma pessoa que pretendia criticar o filme, mas ao assisti-lo, mudou de opinião, como exemplificam os comentários a seguir, respectivamente:

Sou trans sem conhecimento após obter conhecimento em alguns vídeos do Brasil paralelo chega a conclusão de que tudo que lutei até hoje não foi nada mais do que uma mentira e vejo que sou uma pessoa conservadora com uma maioria das outras pessoas no país e que sou excluída por acreditar que a família é a base não tenho amigos gays e muito menos trans por ter um pensamento diferente isso só me faz chegar a conclusão de que essa luta por

inclusão social não é nada mais do que uma grande mentira [sic]. @R sou mulher e ODEIO o femininazismo com todas as minhas forças, sempre estou criticando... Nem toda mulher é feminazi, mas já vi BASTANTE homem feminista defendendo esta bizarrice por aí [sic]. Eu vim para discordar e criticar e saí apoiando, excelente documentário!! (Comentários [...], 2020).

Retomando a questão da estrutura conspiratória nos comentários, é notável que as figuras e atores discursivos que representam a oposição à “ideologia de gênero” são sempre trazidas com axiologia Eufórica (E), ou seja, com conotações positivas dentro do contexto, e estão presentes em menor número (16 figuras), em contraponto aos apoiadores da causa, presentes em maior número (34 figuras) e citados sempre com axiologia Disfórica (D) (conotações negativas) como mostra o quadro abaixo (quadro 3), onde temos essas mesmas classificações. Além delas, Neutro (N), para figuras e atores discursivos sem juízo de valor e Variante (V), para aquelas que transitam entre as axiologias de acordo com o contexto. Ressaltamos que a comparação é feita apenas entre figuras e atores presentes tanto no filme quanto nos comentários:

Quadro 3 - Axiologia das figuras e papéis temáticos

FIGURA / ATOR DISCURSIVO	AXIOLOGIA NO FILME	AXIOLOGIA NOS COMENTÁRIOS⁶
Brasil Paralelo	NC	E
Mulheres/ meninas cisgênero	E	E
Maldoso	NC	D
Progressista	D	D
Bruce Reimer	D	D
Criança	N	E
Homens/ meninos cisgênero	E	E
Louco	NC	D
Jovem	D	E
Desprezível	NC	D
Mulher transgênero	D	D
Brian Reimer	D	D
Animal	NC	D
Ignorante	NC	D
Mãe/Pai	NC	E
Escola	D	D
Olavo de Carvalho	E	E
Brasileiro/ Povo	E	E
Pecador	NC	D
Fracassado	NC	D
Opositor da ideologia de gênero	D	E

⁶ Devido a uma possível variação de interpretações pelos usuários, inserimos a axiologia presente de forma majoritária

FIGURA / ATOR DISCURSIVO	AXIOLOGIA NO FILME	AXIOLOGIA NOS COMENTÁRIOS⁶
Professor	D	D
Apoiador da ideologia de gênero	D	D
Conservador	E	E
Persistente	NC	E
Nazista/ Ditador	NC	D
Criminoso	NC	D
Intelectual	E	E
Mulher conservadora	E	E
Mídia tradicional	D	D
Edmund Burke	NC	E
Patriota	E	E
Países do Oriente Médio	NC	E
Países do Ocidente	NC	D
Portugueses	NC	N
Instituição Pública/ Estado	NC	D
Jesus	NC	E
Minorias	D	D
Invejoso	NC	D
Desocupado	NC	D
Bolsonaro	E	E
Inferno	NC	D
Diabo	NC	D
Canalha	NC	D
Pessoa Transsexual	D	D
Pessoa Homossexual	D	D
Influenciador	D	D
Enéas Carneiro	NC	E
João Dória	NC	D
Depravado	NC	D
Universidade	NC	D
Estudante universitário	NC	N
Ana Paula Henkel	E	E
Rhuan	D	D
Dr. John Money	D	D
Ser humano	NC	E
Eric Voegelin	NC	E
Egocêntrico	NC	D
Pessoa problemática	NC	D
Convertido	NC	E
G.K. Chesterton	NC	E
Indeciso	NC	D
Íntegro	NC	E
Edson Fachin	NC	D
Homem transgênero	D	D
Tiffany Abreu	D	D
Alienado	NC	D
Papa Francisco	NC	D
Feministas	D	D
Judith Butler	D	NC

FIGURA / ATOR DISCURSIVO	AXIOLOGIA NO FILME	AXIOLOGIA NOS COMENTÁRIOS⁶
Simone de Beauvoir	D	NC
Betty Friedan	D	NC
Julia Kristeva	D	NC
PSOL	D	NC
Jean Wyllys	D	NC
Câmara dos Deputados	N	NC
Supremo Tribunal Federal	N	NC
Mães de Rhuan	D	NC
Família tradicional	E	NC
Comitê Olímpico Internacional	D	NC
Monique Vitti	D	NC
Ana Campagnollo	E	NC
Felipe Nery	E	NC
Família Reimer	D	D

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim, ao compararmos as axiologias, podemos enxergar com mais facilidade no espaço dos comentários a característica conspiratória em que um grupo seletivo se vê perseguido por uma grande estrutura de poder; no entanto, esse ponto de vista pode ser amenizado quando levado em conta os anseios capitalistas de fidelização da audiência por meio da criação de um espaço que proporciona viés de confirmação.

5 Considerações finais

Este trabalho se dispôs a levantar, analisar e comparar temas, figuras e atores discursivos presentes no documentário *Geração sem Gênero* (2020) e nos comentários da publicação na plataforma de vídeos YouTube (Comentários [...], 2020), a partir de metodologia de análise baseada na semiótica de Greimas. Com os achados decorrentes da análise do material coletado, chegamos às considerações de que há uma confusão generalizada no grupo que representa o cidadão médio apoiador da extrema direita sobre os conceitos de identidade de gênero, sexo biológico e sexualidade, de forma que o primeiro passa a ser sinônimo de uma sexualidade que foge aos padrões heteronormativos e que está totalmente desvinculada de determinação biológica. Ademais, percebemos que o documentário contribui a expressões e sentimentos disfóricos em relação a figuras e atores ligados ao apoio de pautas progressistas no campo das discussões de gênero e suas políticas públicas. Conteúdos explicitamente “anti-ideologia de gênero” são manifestados em falas de entrevistados, na nomeação das sequências, na escolha dos temas abordados e seus exemplos

e na composição geral da série, que conta com outros dois vídeos de viés conservador (*Os Antifascistas* e *Vidas (Negras) Importam*).

O entendimento descrito acima nos leva a apreender o espaço de comentários como um local de apoio entre pares e de emulação da disputa entre dois pólos opostos trazida pelo filme, o que dialoga com tendência já explicitada por Andrade, Souza e Demuru (2023), de ocupação do *lugar da vítima* (Winston, 2011) não mais pelo outro de *classe* do enunciador, mas pelo próprio enunciador, que ao travar uma batalha com seu outro *ideológico*, faz uma “autovitimização”. No caso de *Geração sem Gênero*, temos o palpite de que isso ocorra por três principais motivos: (i) oportunidade oferecida pela internet de interação sem censura entre grupos isolados que não possuem espaço na grande mídia; (ii) possibilidade de indivíduos se manifestarem anonimamente; (iii) presença de bolhas virtuais em redes sociais que acabam operando como câmaras de eco. Porém, para que essa tese seja comprovada é necessário aprofundar a pesquisa na rede selecionada.

Por outro lado, a desconfiança em instituições (escolas, universidades, órgãos públicos entre outros) e em figuras de poder tradicionais (a exemplo de: Edson Fachin – ator que representa o Supremo Tribunal Federal –, João Dória – na época, prefeito de São Paulo – e professores) pode ser lida à luz da hipótese de Cesarino (2022) de que a ênfase na plataformização propiciou o fortalecimento de movimentos antiestruturais (elementos que contestam os modelos normativos convencionais), que encontram nas novas mídias: “[...] não apenas espaço, mas também encorajamento para [...] irem, pouco a pouco, inscrevendo [...] uma outra realidade sociotécnica” (Cesarino, 2022, p. 79). No entanto, essa também é uma afirmação que ainda necessita de mais evidências, de preferência, a partir de análises que envolvam uma base de dados maior.

Para pesquisas futuras, deixamos a indicação semiótica de maior atenção e especificação às figuras e atores discursivos, com separação desses nas tabelas, o que pode aperfeiçoar a leitura dos dados.

Por fim, ressaltamos que este é o estudo de um único caso e que, apesar de indícios que corroboram às análises de outros pesquisadores(as), não podemos ainda afirmar que as características encontradas aqui representam a extrema direita em sua totalidade.

Referências

- AMORIM, L. Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha em ser a “Disney brasileira”. **Revista Exame**, São Paulo, 17 fev. 2023.
- ANDRADE, M. E. S.; SOUZA, G.; DEMURU, P. Documentário e conspiração: o caso The Epoch Times Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v19i2.6597>. Acesso em: 27 out. 2023.
- AS GRANDES Minorias | Geração sem Gênero [Reexibição especial]. Direção: Henrique Zingano. São Paulo: Brasil Paralelo, 2022. 1 vídeo (39 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo na plataforma YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/EOdcj7JuiXk?si=lsjLHjdFIxEjm1n4>. Acesso em: 13 dez. 2024.
- BARKUN, M. **A culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America**. Los Angeles: University California Press, 2003.
- BBC News Brasil. Documentário conta drama do gêmeo criado como menina após perder pênis. **BBC News Brasil**, Rio de Janeiro, 24 nov 2010
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- CESARINO, L. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu, 2022.
- CHAFUEN, A. The 2023 Ranking of free-market think tanks and organizations measured by social media impact. **Forbes**, New Jersey, 07 Jun 2023.
- COMENTÁRIOS Canal Brasil Paralelo. *In*: GERAÇÃO sem Gênero. Direção: Henrique Zingano. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 11 vídeos (39 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo na plataforma YouTube.
- G1. Caso Rhuan Maycon: mãe e companheira que esquartejaram menino são condenadas; penas somam 129 anos de prisão. **Portal G1 Distrito Federal**, Distrito Federal, 25 nov. 2020, 21h21.
- GERAÇÃO sem Gênero. Direção: Henrique Zingano. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 11 vídeos (39 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo na plataforma YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/EOdcj7JuiXk?si=lsjLHjdFIxEjm1n4>. Acesso em: 05 dez. 2023.
- GIMENEZ, K. **A descrença no discurso da Ciência: a teoria da conspiração no discurso da Terra plana**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) -Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Mídias, Universidade Paulista, São Paulo, 2022.
- GREIMAS, A. J. O contrato de veridicção. *In*: **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. São Paulo: Nankin, 2014.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 2008.

GUERRAS Culturais: uma batalha pela alma do Brasil, episódio 2: Ideologia de Gênero. Locução e pesquisa: Pablo Ortellado; Elisa Martins. Rio de Janeiro: Globoplay; O Globo, 30 ago. 2022. 04h29. *Podcast*.

HUNTER, J. D. **Culture wars**: the struggle to define America. Nova York: Basic Books, 1991.

HUNTER, J. D.; ZANON, C. A Guerra cultural contínua. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 22-62, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/pcr.v15i1.48385>. Acesso em: 27 out. 2023.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside Video 2023**. São Paulo: Kantar Ibope Media, 2023.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

MENIN, A. F.; PEDRO, J. M. A escola, o gênero e os embates com o neoconservadorismo “restaurador”. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 291-314, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/pcr.v15i1.47401>. Acesso em: 27 out. 2023.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>. Acesso em: 27 out. 2023.

MUDDE, C. **A extrema direita hoje**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração e plataforma de ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher** - Pequim, 1995. New York: ONU, 1995.

ORTELLADO, P.; RIBEIRO, M. M.; ZEINE, L. Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião. **Opinião Pública**, Campinas, v. 28, n.1, p. 62-91, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0191202228162>. Acesso em: 27 out. 2023.

REIS, R.; ZANETTI, D.; FRIZZERA, L. A conveniência dos algoritmos: o papel do YouTube nas eleições brasileiras de 2018. **Revista Compolítica**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 35-58, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21878/compolitica.2020.10.1.333>. Acesso em: 27 out. 2023.

SALGADO, J.; JORGE, M. F. Paralelismos em disputa: o papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 726-738, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27797>. Acesso em: 27 out. 2023.

WINSTON, B. A tradição da vítima no documentário griersoniano. In: PENAFRIA, M. (org.). **Tradição e Reflexões**: contributos para a teoria e estética do documentário. Covilhã: Livros Labcom, 2011. p. 58-81.

Parallel Ideology: gender ideology, conspiracy, and YouTube comments

Abstract

The present article seeks to analyze the reception of themes, figures, and discursive actors by a predominantly far-right audience in the comments of the video *Geração sem Gênero* on YouTube. The structure of the work includes contextualizing the issue of gender within the current cultural wars in Brazil, a methodology that involves data extraction using YouTube Data Tools and analysis based on Greimas' narrative semiotics, and considerations pointing to self-victimization and confusion among the average conservative viewer regarding the concepts of gender, biological sex, and sexuality.

Keywords

gender; greimas semiotics; YouTube; channel Brasil Paralelo; comments

Autoria para correspondência

Carla Montuori Fernandes
carla_montuori@ig.com.br

Como citar

FERNANDES, Carla Montuori; DEMURU, Paolo; ANDRADE, Maria Estela Silva. Ideologia Paralela: ideologia de gênero, conspiração e comentários no YouTube. *Intexto*, Porto Alegre, n. 57, e-140249, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.57.140249>

Recebido: 16/05/2025

Aceito: 05/12/2025



Copyright (c) 2025 Carla Montuori Fernandes, Paolo Demuru, Maria Estela Silva Andrade. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.